

CORONAVÍRUS

‘O relaxamento é uma reação de fuga do nosso instinto de sobrevivência’

É o que diz o psicólogo Arnaldo Vicente sobre a não observância das leis sanitárias durante a pandemia do coronavírus

CINTHIA MILANEZ

Diante de qualquer ameaça, surge o instinto de sobrevivência. Em tese, ele visa preservar a vida e a boa saúde, mas alguns comportamentos podem prejudicar a sociedade como um todo, caso, agora, do desrespeito às regras da quarentena por parte de muita gente. A não observância de normas vigentes para evitar a disseminação do novo coronavírus é uma reação de fuga provocada por esta intuição humana, conforme avalia o psicólogo Arnaldo Vicente.

O profissional, que também se especializou em Terapia Cognitiva Comporta-

mental e Conformação em Terapias Baseadas em Mindfulness, argumenta que o ser humano possui um instinto de sobrevivência sensível, mas, ao mesmo tempo, bastante reativo. Segundo ele, isso significa que, muitas vezes, diante de uma situação de vulnerabilidade, como é o caso desta pandemia, cada pessoa manifesta um comportamento diferente.

De acordo com Arnaldo, alguns cidadãos decidem focar nos recursos disponíveis para se prevenir. “Neste caso, eles pensam que não precisam ficar sem dormir por causa do atual cenário, se estão isolados. Isso também contribui para a proteção das suas famílias e dos desconhecidos. Trata-se de uma consciência intrapessoal, interpessoal e social”, explica.

Outras pessoas evitam pensar na pandemia para não ficarem neuróticas. “Paralelamente, elas começam a olhar para as notícias positivas e se colocam entre uma minoria fora das estatísticas da doen-



Arnaldo Vicente: esQUIVA mental garante alívio imediato

ça. É um mecanismo de fuga que chamamos de esQUIVA mental, fato que gera alívio imediato”, descreve.

Para o especialista, o comportamento se intensifica com o movimento antipandemia. “Muita gente não leva a sério a doença ou a desacredita totalmente, a ponto de não ligar para a morte de um desconhecido”, exemplifica.

Por isso, Arnaldo acredita que tanto a região central da cidade quanto o Bar do Val-

dir, por exemplo, interditado no início deste mês, apresentaram grandes aglomerações de pessoas bem na semana em que o poder público decidiu flexibilizar alguns serviços.

MEIO TERMO

Existe, também, uma reação intermediária. “Ao observar as fotos dos frequentadores do Calçadão da Batista, há alguns dias, percebi que a maioria usava máscaras. Porém,

as pessoas não tomavam os devidos cuidados quanto ao distanciamento social. Elas têm a consciência de que precisam cuidar de si e das suas famílias, mas não se atentam aos desconhecidos”, avalia.

A saída, segundo o psicólogo, consiste em conscientizar o público de forma acolhedora. “Assim, as pessoas acabam percebendo que, ao pensarem no outro, também cuidam de si”, conclui.

E AGORA?

A saída, segundo o psicólogo Arnaldo Vicente, consiste em conscientizar o público de forma acolhedora

Reação de fuga provocada pelo instinto de sobrevivência

Tal comportamento se intensifica por conta do movimento antipandemia

A saída consiste em conscientizar o público de forma acolhedora

‘Transgressões resultam de inúmeros fatores histórico-culturais’

Formado em ciências sociais e direito, bem como mestre e doutor em ciência política, Bruno Pasquarelli defende que as transgressões resultam de inúmeros fatores histórico-culturais. Um deles, inclusive, diz respeito ao fato de o Brasil nunca ter abrigado grandes rupturas em seu território, como uma Guerra Mundial. “Além disso, as outras epidemias, como a gripe espanhola, que matou muita gente, não exigiram um isolamento semelhante ao atual”, reforça.

Logo, em momentos como este, por uma questão histórica, o especialista informa que a tendência é de haver certa retração.

Existe, ainda, uma questão cultural vinculada à América Latina. “A sociologia e psicologia trabalham com o ter-

mo ‘mobilidade relacional’. Países como Brasil, México e Argentina estabelecem laços sociais mais profundos com as pessoas. Nós sempre queremos estar com alguém, abraçar etc”, explica.

Para o sociólogo, os transgressores até têm consciência dos erros. “Porém, não podemos nos esquecer da nossa cultura ocidental, que privilegia o individualismo em prol da coletividade”, pontua.

Além deste desejo de estar com alguém, os brasileiros possuem o costume de “dar um jeitinho”, acreditando que não acabarão afetados pela doença, conforme observa o especialista.

DESENCONTRO

Paralelamente, Bruno aponta o desencontro de informações para justificar o comportamento em questão. “O governo federal

defende o retorno ao trabalho. Já os estados e municípios pensam diferente. No início, eram mais propensos ao isolamento e, agora, pregam uma flexibilização parcial”, completa.

A exclusão digital, de acordo com o professor, é outro fator. “Algumas pessoas não têm Internet e o plano do celu-

lar só dá acesso ao WhatsApp e Facebook. Elas não utilizam a mídia oficial como fonte de informação. Por isso, surge o negacionismo e o descrédito na ciência”, observa.

O profissional frisa que a saída gira em torno de um diálogo coordenado entre governos e sociedade civil.



Bruno Pasquarelli: também existe o “jeitinho brasileiro”

O Brasil nunca abrigou grandes rupturas em seu território, como uma Guerra Mundial

Os latinos estabelecem laços sociais mais profundos

A cultura ocidental privilegia o indivíduo em prol do coletivo

Os brasileiros têm o costume de “dar um jeitinho”

Desencontro de informações entre os governos

A exclusão digital faz com que muitos não tenham acesso à mídia oficial

INDIVIDUALISMO

Conduta privilegiada na cultura ocidental, destaca especialista